

A ANGÚSTIA NO ROMANCE *O ENCONTRO MARCADO*,  
DE FERNANDO SABINO: UMA LEITURA INTERDISCIPLINAR  
À LUZ DAS IDEIAS DE SØREN KIERKEGAARD<sup>1</sup>

GUSTAVO ROCHA FERREIRA E SILVA (DOUTORANDO)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
(gustavo.rfs@gmail.com)

RESUMO: O artigo visa a explorar o potencial interdisciplinar entre *O encontro marcado* (1956) e o pensamento de Søren Kierkegaard quanto à angústia. A interpretação se ancora em pressupostos cunhados por Hans-Georg Gadamer e Wolfgang Iser. O protagonista e o pensador entendem este *pathos* de maneiras distintas. Kierkegaard concebe a angústia como um medo sem objeto, uma imobilidade aflitiva diante do poder escolher um rumo para si, de assumir a responsabilidade do próprio destino. Já para Eduardo Marciano esta consiste em uma irremediável impotência frente a sua própria finitude; no fracasso em concretizar o que acredita ser sua vocação, qual seja, a de se tornar pai de família e romancista renomado; e em sua incapacidade de conferir um sentido à própria vida.

Palavras-chave: Fernando Sabino. Søren Kierkegaard. Angústia. *O encontro marcado*.

Artigo recebido em: 28 jun. 2020.

Aceito em: 24 jul. 2020.

---

<sup>1</sup> O artigo é vinculado à pesquisa, em curso, sob financiamento da CAPES.

ANGST IN FERNANDO SABINO'S *O ENCONTRO MARCADO*: AN  
INTERDISCIPLINARY INTERPRETATION IN THE LIGHT  
OF SØREN KIERKEGAARD'S IDEAS

**ABSTRACT:** This article analyses the presence of angst in Fernando Sabino's *O encontro marcado* (1956) in the light of Søren Kierkegaard's ideas. Our interpretation is based on methodological tools created by Hans-Georg Gadamer and Wolfgang Iser. The protagonist and the philosopher have different understandings regarding this *pathos*. Kierkegaard defines angst as a fear with no particular reason, an immobilization felt by someone who faces his/her own capability of choosing his/her own destiny. On the other hand, Eduardo Marciano considers this appalling feeling as a hopeless impotence in the face of his own mortality; as a failure for not being able to materialize his vocation of becoming a well-known and celebrated novelist and a family man; and his inability for granting fulfilment in his own life.

**Keywords:** Fernando Sabino. Søren Kierkegaard. Angst. *O encontro marcado*.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo trava um paralelo interdisciplinar entre o romance *O encontro marcado* (1956), de Fernando Sabino, e as densas e complexas ideias de Søren Kierkegaard. O foco da análise está na questão da angústia, tema caro ao pensador dinamarquês e maciçamente presente na referida obra literária. Como se pretende demonstrar ao longo do desenvolvimento da argumentação, é possível concluir que o protagonista Eduardo Marciano e o autor de *O conceito de angústia* (1844) divergem quanto ao sentido exato deste *pathos*. É também pertinente lembrar que, na 79ª edição de seu romance mais conhecido, Fernando Sabino explica cada menção feita a livros, poetas, romancistas, filósofos, cientistas etc., em uma seção intitulada "Citações e referências em *O encontro marcado* apresentadas pelo autor". Ao pensador dinamarquês, Sabino atribui "um estilo literário admirável que sempre me fascinou" (SABINO, 2005, p. 294). Ainda segundo o ficcionista, "me limitei a ler em português, francês ou inglês com semelhante deslumbramento toda obra sua que me caísse nas mãos" (SABINO, 2005, p. 244).

Já de antemão é possível dizer que, para Kierkegaard, tal afeto consiste em um medo sem objeto, em uma paralisia sentida pelo indivíduo ao se saber capaz de escolher um rumo para si mesmo. A angústia se equipara à vertigem que se sente quando se está diante de um abismo, o abismo das possibilidades, dada a inexistência de qualquer garantia de obtenção do resultado esperado após a tomada de uma decisão. A angústia ronda aquele que quer concretizar sua subjetividade na realidade propriamente dita. No entanto, é outra a forma como Eduardo Marciano a vivencia e a entende. Para o personagem de *O encontro marcado*, a mais conhecida entre as obras do escritor mineiro Fernando Sabino, a angústia é o sentimento de impotência diante da marcha irrefreável do tempo, que arrasta a tudo e a todos a um fim incontornável e inevitável. É a óbvia incapacidade de contornar a própria mortalidade, a qual o incumbe da difícil tarefa de conferir um sentido a sua existência na tentativa de torná-la compensatória. É, ainda, sinônimo de fracasso na concretização de seu plano de vida e de sua vocação, qual sejam, de se tornar um homem simples, pai de família e renomado romancista.

Esta é a interpretação que se irá procurar sustentar ao longo deste artigo. Para isso, serão acessadas ferramentas metodológicas cunhadas por Hans-Georg Gadamer e por Wolfgang Iser, um dos principais artífices da Estética da Recepção. Ambos se aproximam ao conferirem, ao leitor, a prerrogativa (e responsabilidade) de construir a compreensão de um texto literário, num jogo constante de projetar-corriger as próprias expectativas de sentido conforme a leitura avança. A noção de *efeito* será de grande valia, uma vez que em parte legítima a interpretação que se construiu acerca da temática da angústia tanto no romance em questão quanto no pensamento de Søren Kierkegaard. Tamanha importância destas ferramentas justifica sua presença na proa da análise que agora se inicia.

## PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A interpretação que se intenciona construir deriva da premissa, bem delineada por Hans-Georg Gadamer, de que a compreensão de um texto é resultado de um projetar, de uma expectativa antecipada que se confirma ou não após a leitura. Segundo o teórico alemão, “quem quiser compreender um texto realiza sempre um projetar. Tão logo apareça um primeiro sentido no texto, o intérprete prelineia um sentido do todo” (1998, p. 401). Essa dinâmica também vale para o texto literário.

Isso porque inicialmente pressupôs-se que houvesse somente paralelos entre *O encontro marcado* e Søren Kierkegaard quanto à temática da angústia.

Quer dizer, a expectativa inicial era de que a análise pendular se daria em ritmo de constante e ininterrupto espelhamento entre os dois polos. Entretanto, ao longo da leitura tal expectativa teve que ser revisada em prol da construção de uma interpretação a mais condizente possível com o disposto no romance: a de que Eduardo Marciano vivencia uma angústia distinta daquela concebida pelo pensador dinamarquês. Afinal, como bem alerta Hans-Georg Gadamer, “a compreensão do que está posto no texto consiste precisamente na elaboração deste projeto prévio, que, obviamente, tem que ir sendo constantemente revisado com base no que se dá conforme se avança na penetração do sentido” (1998, p. 402):

quem procura compreender está exposto a erros de opiniões prévias, as quais não se confirmam nas próprias coisas. Elaborar os projetos corretos e adequados às coisas, que como projetos são antecipações que apenas devem ser confirmadas nas coisas, tal é a tarefa constante da compreensão [...]. A compreensão somente alcança sua verdadeira possibilidade quando as opiniões prévias, com as quais ela inicia, não são arbitrárias. Por isso faz sentido que o intérprete não se dirija aos textos diretamente, a partir da opinião prévia que lhe subjaz, mas que examine tais opiniões quanto à sua legitimação, isto é, quanto à sua origem e validade. (GADAMER, 1998, p. 403)

Não seria legítimo, pois, insistir em uma interpretação errônea, deixando de lado tal premissa teórica, de validade e pertinência praticamente indiscutíveis. Justamente por isso, como dito anteriormente, o projeto inicial teve que ser revisto e reajustado. Afinal, o(a) leitor(a) do texto literário “não pode se entregar, já desde o início, à casualidade de suas próprias opiniões prévias e ignorar o mais obstinada e conseqüentemente possível a opinião do texto – até que este, finalmente, já não possa ser ouvido e perca sua suposta compreensão” (GADAMER, 1998, p. 405). Por isso, a análise procurou “se mostrar receptiva, desde o princípio, para a alteridade do texto” (1998, p. 405). O resultado é a conclusão inevitável de que há, sim, distanciamentos entre *O encontro marcado* e as ideias de Søren Kierkegaard quanto à questão da angústia.

Vale também pontuar que a interpretação que aqui se constrói não é definitiva. Isto porque o sentido de um texto não é dado somente por si ou pelo(a) autor(a). Na dinâmica hermenêutica, também há que se levar em conta o fato de que o “sentido [do texto literário, no caso] está sempre determinado também pela situação histórica do intérprete, e, por consequência, por todo o processo objetivo histórico” (GADAMER, 1998, p. 444). Quer dizer, o sentido do texto será influenciado também pelo repertório de vivências concretas e referências

teóricas do(a) leitor(a) em questão, que são inerentes ao contexto histórico e cultural no qual este(a) está inserido(a).

Wolfgang Iser também contribui para a sustentação desta análise comparatista e interdisciplinar de *O encontro marcado*. Segundo o teórico alemão, a compreensão é resultado da ação tanto do texto em si quanto obviamente do(a) leitor(a). A noção de *efeito* consiste justamente no resultado do contato entre obra literária e quem a lê. Não à toa, Iser lança mão da noção de “bilateralidade”, entendida como a interação entre dois polos, isto é, obra e leitor(a). O primeiro é o artístico e o segundo, o estético. Logo, o sentido do texto não está somente em si nem somente em quem o lê. Está, isto sim, “situado em algum ponto entre os dois. Tem um caráter inevitavelmente virtual, já que não pode ser reduzido à realidade do texto nem à subjetividade do leitor, e é desta virtualidade que deriva sua dinâmica” (ISER, 1978, p. 21)<sup>2</sup>.

Quer dizer, ao longo da interação, o(a) leitor(a) projeta sobre o livro, consciente e/ou inconscientemente, seu repertório de referências. Segundo Iser, o sentido

deve ser claramente resultado da interação entre os sinais do texto e a compreensão do leitor. É óbvio que o leitor também não pode se distanciar desta interação; ao contrário, o ato em si da leitura vai ligá-lo ao texto e induzi-lo a criar as condições necessárias para a efetividade do texto. Assim que o leitor e o texto se fundem, a divisão entre o objeto e o sujeito deixa de existir, do que se conclui que o sentido não é mais um objeto a ser definido, mas um efeito a ser experimentado. (ISER, 1978, p. 9-10)<sup>3</sup>

Faz-se tal ressalva metodológica justamente por conta do fato de a presente análise interdisciplinar de *O encontro marcado* ser resultado não só do comparatismo entre a obra em si e as ideias de Søren Kierkegaard. Na dinâmica do processo como um todo houve evidentemente a participação de um terceiro elemento, que interpretou tanto o texto literário de Fernando Sabino quanto os conceitos que compõem o pensamento do filósofo dinamarquês.

---

<sup>2</sup> “situated somewhere between the two. It must inevitably be virtual in character, as it cannot be reduced to the reality of the text or to the subjectivity of the reader, and it is from this virtuality that it derives its dynamism”.

<sup>3</sup> “must clearly be the product of an interaction between the textual signals and the reader’s acts of comprehension. And, equally clearly, the reader cannot detach himself from such an interaction; on the contrary, the activity stimulated in him will link him to the text and induce him to create the conditions necessary for the effectiveness of that text. As text and reader thus merge into a single situation, the division between subject and object no longer applies, and it therefore follows that meaning is no longer an object to be defined, but is an effect to be experienced”.

Intenciona-se lançar mão destas ferramentas metodológicas como espécie de chancela para a interpretação que se segue. A próxima etapa do presente artigo será dedicada à questão da angústia como entendida pelo pensador.

## VERTIGEM FRENTE AO ABISMO: A ANGÚSTIA, SEGUNDO SØREN KIERKEGAARD

Originada do vocábulo grego *argor* (“estreitamento”, “diminuição”), a angústia pode ser entendida como um sufocamento, “como se a passagem do ar se tornasse impossível e a conexão com o cosmos diminuísse, trazendo uma sensação de desolamento e aniquilação” (OLIVIÉRI, 2007, p. 35). Sem dúvida, este é um dos conceitos basilares do pensamento de Søren Kierkegaard, que “desenvolveu suas reflexões a partir de seu próprio íntimo, no qual a solidão e o sofrimento se tornaram o centro de suas especulações, fazendo-o considerar de maneira inédita até então o problema do sentido da subjetividade e da existência” (DANTAS, 2007, p. 3). Os temas abordados por Søren Kierkegaard, sobretudo a angústia, fazem ainda mais sentido se considerarmos sua curta porém intensa trajetória existencial. Como bem notaram Jorge Miranda de Almeida e Álvaro Valls, “a brevidade de sua vida contrasta com a qualidade e a extensão de sua produção, ainda não classificada nos círculos acadêmicos” (2007, p. 7).

A melhor compreensão possível do conceito de angústia, como concebido por Søren Kierkegaard, depende necessariamente de se ter em vista o pressuposto de que, para o filósofo, o ser humano consiste em “uma síntese de corpo e alma instaurada pelo espírito e de tempo e eternidade instaurada pelo instante. Não são duas sínteses, portanto, mas apenas uma vista de perspectivas diferentes” (SILVA, 2008, p. 15). A relação do indivíduo com esta potência, a relação do espírito consigo mesmo e com sua condição, é justamente a angústia.

O ser humano “reflete sobre sua própria constituição corpo/alma. Temos, pois, a chave do conceito de indivíduo para Kierkegaard. Indivíduo é a relação que se relaciona consigo mesma” (JATOBÁ, 2011, p. 19). Vale pontuar que esta concepção de uma natureza humana triádica é fundamental para se entender não só como o pensador concebia a angústia, mas, também, a maneira como definiu o desespero. Jonas Roos bem elucida esta fundamental premissa ao afirmar que

uma pessoa nasce humana, trata-se de um dado antropológico *a priori*. Entretanto, um ser humano não é necessariamente um *self*, não é necessariamente si mesmo. O *self* envolve um processo de tornar-se. O *self* não é a simples junção de elementos polares, o que ainda guardaria um dualismo antropológico, mas uma relação autoconsciente, uma relação que se relaciona a si mesma na medida em que envolve um processo ativo de realização por parte do sujeito. (ROOS, 2008, p. 69)

Foi em *O conceito de angústia*, uma de suas principais obras, que o pensador dinamarquês lançou mão da narrativa bíblica de Adão e Eva e sua expulsão do Éden para representar e expor seu entendimento relativo ao tema. Neste livro, Kierkegaard empreende uma densa reflexão acerca do pecado original, sob o pseudônimo de Virgilius Haufnienses (algo como “O vigia de Copenhague”, em latim). Obviamente, ao longo desta tangencia e aprofunda a questão da angústia em si. Vale dizer, acaba assumindo certa oposição à tradição teológica relativa ao assunto, sobretudo a Santo Agostinho, à Reforma Protestante e a Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

No entender de Søren Kierkegaard, remeter à narrativa do pecado original consiste em uma estratégia didática e significativa para abordar a angústia, já que “como Adão todo homem se encontra no estado de inocência e mediante a angústia, realiza o salto qualitativo passando à culpa, à queda” (SILVA, 2008, p. 78). Como se sabe, Adão e Eva viviam no paraíso em estado de total inocência e ignorância relativa ao bem e ao mal, isto é, em “estado edênico-infantil de paz e de quietude, no qual o espírito está, sim, presente, mas ainda como quem sonha” (GARAVENTA, 2011, p. 8). A situação muda após a proibição ao consumo do fruto do conhecimento, advinda de Deus, fazendo nascer em Adão a aflição derivada de se saber capaz de escolher. Quer dizer, o impedimento divino “desperta a possibilidade da liberdade. O que se ofertava à inocência como um nada da angústia adentrou-o [Adão] e conserva ainda aqui um nada: a aflitiva possibilidade de *poder*” (KIERKEGAARD, 1968, p. 48; grifo nosso).

Este nada, como bem explicou Marcos Érico de Araújo Silva, “não é o vazio, mas precisamente a possibilidade, o poder de se determinar” (2008, p. 15-6). É aquilo que “o indivíduo experimenta quando decide dar-se uma identidade, imprimir uma direção precisa à sua vida, escolher a si mesmo” (GARAVENTA, 2011, p. 6). Isto porque “existir é estar condenado a se produzir na existência, através de um projeto de vida que procede das escolhas e da responsabilidade do indivíduo” (DANTAS, 2007, p. 6). Logo, “podemos mesmo supor que não exista um só ser humano que não tenha no âmago de si uma inquietação, uma perturbação e, portanto, que esteja isento de sentir angústia” (OLIVIÉRI, 2007, p. 33).

É, pois, ao tomar consciência de sua capacidade de escolher, do fato de poder tanto obedecer quanto desobedecer a Deus, que Adão é acometido pela angústia. Por isso, “a diferença entre o pecado de Adão e o pecado de qualquer outro homem consiste no fato de que, com o primeiro, nasce a pecaminosidade e o segundo tem a pecaminosidade como condição” (DANTAS, 2007, p. 8). Assim, o personagem bíblico mergulha na angústia ao se ver diante de infinitas possibilidades, tanto as do bem quanto as do mal. Não à toa, Søren Kierkegaard compara este sentimento asfixiante

à vertigem. Quando o olhar imerge num abismo, existe uma vertigem, que nos chega tanto do olhar como do abismo, visto que nos seria impossível deixar de encarar. Esta é a angústia, vertigem da liberdade, que surge quando, ao desejar o espírito estabelecer a síntese [entre alma e corpo], a liberdade imerge o olhar no abismo das suas possibilidades e agarra-se à finitude para não soçobrar. (KIERKEGAARD, 1968, p. 66)

O pensador dinamarquês entende a angústia, pois, como um medo sem objeto, exclusivo do ser humano. O homem e os animais compartilham do sentimento do medo. A angústia, por sua vez, é restrita àquele por ser o único a conceber o conceito de possibilidade, de liberdade, de escolha. Søren Kierkegaard a alinha à noção de “porvir”. É por se ver diante de infinitos caminhos disponíveis que o indivíduo sofre. Afinal, não há garantia alguma de que a escolha feita necessariamente se reverterá em benefício. Não há como controlar totalmente o resultado das ações tomadas. Quer dizer, as “possibilidades, que projetam o indivíduo para o futuro, uma vez que o indivíduo vive projetado para o futuro destas realizações, não carregam em si garantias incontestáveis de êxito” (LOPES; PIRES; SILVA, 2011, p. 6).

Escolher é sinônimo de apostar, visto que há inúmeros fatores que podem tanto contribuir quanto prejudicar a realização do que se espera. E o homem não pode se abster de escolher. Claro, é possível argumentar que se abster de escolher já é em si uma escolha. No entanto, até mesmo esta estratégia gera sofrimento, já que quem a adota passa a conviver com a fantasia do que poderia ter acontecido caso tivesse dado o passo adiante que preferiu não dar. Foi esta linha de raciocínio, aliás, que veio a inspirar Jean-Paul Sartre a conceber o conceito de “má-fé”, praticamente um século depois, apresentado em seu famoso texto *O existencialismo é um humanismo* (1946).

O ato de existir, pois, não vem com um manual de instrução acoplado a si. É o que se compreende do apontamento de Jorge Miranda de Almeida e Álvaro Valls, para quem “a existência não pode ter, enquanto tal, uma essência pronta, pois não seria existência de fato, já que ela não existe antes de ser

concretizada como existência. E a liberdade não existe antes de ser agida” (2007, p. 52). Quer dizer, “não existe um conceito absoluto que o defina, porque cada indivíduo define a si mesmo a partir da sua subjetividade” (OLIVIÉRI, 2007, p. 36).

Vale o reforço: o ser humano sofre justamente por ser livre. Afinal, “o homem não sabe de onde tudo se originou e nem como terminará, não podendo ter certeza de nada, muito menos das consequências de suas escolhas, e esta impossibilidade de prever e explicar os fatos o angustia” (Souza, 2011, p. 12-3). Maria de Fátima Olivieri complementa ao afirmar que “assim é que, se a vida pode ser considerada uma dádiva, existir é a empreitada de cada indivíduo, onde só ele é o responsável por sua existência e por suas decisões” (2007, p. 36).

As possibilidades que se apresentam a nós não oferecem nenhuma garantia de sucesso. Uma ilusão irá representá-las a nós como boas notícias ou boas promessas, mas qualquer alternativa carrega consigo felicidade e infelicidade, sucesso ou fracasso, vida ou morte. As possibilidades positivas não têm mais probabilidade de se realizar do que as possibilidades negativas. Cada decisão mobiliza a pessoa integralmente: este é o segredo do poder paralisante da existência como possível. Se a existência é possibilidade, a existência individual é angústia. Se a individualidade é o modo de ser fundamental do homem diante da existência, sua dimensão principal é, portanto, a *angústia*. (LE BLANC, 2003, p. 51; grifo do autor)

Vale esclarecer que, no contexto do pensamento de Søren Kierkegaard, é preciso entender a liberdade “não como escolha entre isto ou aquilo, mas como possibilidade de poder. Isto é, a liberdade neste primeiro aspecto não se realiza na determinação de si mesmo neste ou naquele sentido, mas na pura possibilidade de se determinar” (SILVA, 2008, p. 15-6). Para Thomas Ramson Gilles, “ser livre significa contribuir para a própria realização, mas significa também poder enganar esta realização, significa tanto o destruir como o construir” (1975, p. 44).

Esta ambivalência da liberdade também é notada por Maria de Fátima Olivieri, para quem a vida humana é feita de “constantes escolhas. Em cada uma delas, o indivíduo provavelmente terá perdas. Uma das causas da angústia deriva justamente do medo das perdas decorrentes de não se ter tomado a melhor decisão” (2008, p. 51).

A angústia é o sintoma da condição de criatura e da contingência do homem, e remete à insegurança que assinala a existência humana, mas é também o sinal de que o homem, como ser exposto à liberdade possível, é destinado a ser mais

que um ser natural [...]. Não existe nenhum indivíduo (incluindo Adão) que não tenha espírito ou não experimente a angústia; pelo contrário, neste elemento que assinala a liberdade do homem, a angústia é característica constante e natural no gênero humano (GARAVENTA, 2011, p. 11).

A indissociabilidade entre indivíduo e angústia, bem como o fato de esta ser um medo sem objeto, são corroborados por France Farago. Para a pesquisadora, ela é “o lugar onde o si mesmo começa a advir, experiência cuja tonalidade afetiva é absolutamente única”, isto é, “o *pathos* em cujo seio o indivíduo começa a chegar à consciência de si mesmo” (2006, p. 80; grifo da autora). O próprio Søren Kierkegaard ressalta o aspecto positivo deste *pathos*, exclusivo ao ser humano, ao afirmar que “anjo ou animal, jamais o homem poderia sentir a angústia. Contudo, considerando que é uma síntese [entre corpo e alma], pode senti-la e tanto mais intimamente a sente, mais aumenta a sua humana grandeza” (1968, p. 157). O pensador dinamarquês acrescenta que “o homem constituído pela angústia é constituído pela possibilidade e apenas aquele que a possibilidade forma está formado em sua infinitude” (1968, p. 158).

O caráter edificante e, portanto, positivo de tão importante afeto da vida humana também é destacado por Maria de Fátima Olivieri, para quem, “ao edificar-se, ao cultivar-se a si mesmo, ao eleger a autenticidade como sua verdade, o indivíduo singular se torna admirável” (2007, p. 36). Quer dizer, quando ousa “ser um ‘si mesmo’, na seriedade e na responsabilidade, ele se torna extraordinário” (OLIVIÉRI, 2007, p. 36). Maria Inácia Lopes, Danilo Chaves Pires e Ednaldo Maximiano da Silva complementam ao afirmarem que “experimentar a angústia é uma condição para que este viajante encontre sua autenticidade, uma existência com sentido e não se perca nas obscuridades de uma vida perdida” (2011, p. 4). Isto é, angústia e sofrimento “são realidades inelutáveis à condição humana, e não obstáculos para que ela chegue à sua meta plenificadora” (LOPES; PIRES; SILVA, 2011, p. 13).

Abismo profundo. Vertigem da liberdade. Mal-estar sentido ao se tomar consciência do poder de escolher e ao exercê-lo. Paralisia fruto do fato de não haver garantia alguma de sucesso (nem de insucesso) quando do ato de se determinar, de devir, de se tornar si mesmo. A angústia é, pois, intrínseca ao indivíduo, elemento indissociável de sua condição como ser humano. Consequentemente, é parte integrante de sua trajetória existencial. Até aqui, procurou-se perfazer a compreensão a mais detalhada possível deste afeto, pormenorizadamente destrinchado por Søren Kierkegaard em *O conceito de angústia*. Para isso, julgou-se necessário recorrer a diferentes teóricos e pesquisadores, dada a densidade da explanação empreendida pelo dinamarquês na referida obra. Agora a presente análise estabelece uma breve e sutil mudança

de rota rumo ao romance *O encontro marcado* e à sofrida trajetória existencial de seu protagonista.

#### A ANGÚSTIA EM *O ENCONTRO MARCADO*

A primeira aparição da angústia no romance se dá logo em suas páginas iniciais. Em cena ao lado de Letícia, a primeira namorada, em um passeio de fim de tarde, Eduardo sente uma intensa aflição em relação ao próprio futuro. Ainda que nem narrador nem personagem mencionem a palavra, é possível identificar a presença desta sensação de aniquilamento justamente pela ansiedade do protagonista em relação aos próximos anos de sua vida. Eduardo parece sofrer uma aguda impotência frente ao próprio destino.

- Letícia – Eduardo parou, segurou-a nos ombros: – Estou triste, eu queria... Eu queria...
  - Fala – a menina o olhava com ternura, emocionada, à espera.
  - Não sei – seus olhos se encheram de lágrimas.
  - Não fica assim, meu bem.
  - Tudo é tão ruim, Letícia. Tudo tão triste.
  - Abraçou-se a ela.
  - Não fique triste. Você está comigo [...].
- Eduardo se sentia tonto, alguma coisa estalava e rompia no seu coração:  
– Letícia, que será de mim, Letícia, responde! Que será de mim. (SABINO, 2005, p. 28)

Segundo a interpretação que aqui se faz, não há no trecho acima proximidade entre a angústia do personagem e aquela definida por Søren Kierkegaard. A tontura de Eduardo, o que “estalava e rompia no seu coração”, é a tomada de consciência de si mesmo, da incidência inevitável do porvir. Não é a vertigem gerada pela incerteza quanto ao futuro, o medo sem objeto, o abismo das possibilidades, o sofrimento derivado do exercício da liberdade e do poder escolher, características da angústia segundo o pensador dinamarquês, como se viu anteriormente. Neste momento, o medo de Eduardo tem objeto claro: é seu futuro, seu destino.

Reforça-se que, até aqui, a ocorrência deste afeto no personagem se dá de maneira inconsciente. Quer dizer, Eduardo ainda não tem exatamente consciência da marcha irrefreável do tempo e da finitude de sua vida. Ainda não vê necessidade de significá-la, de construir um código de princípios éticos que norteiem sua conduta. Sua posição é a de um simples menino que, apesar de

acometido pela aflição em relação ao futuro, ainda não tem maturidade suficiente para elaborar uma reflexão sobre sua condição de ser humano.

Tal maturidade começa a ganhar contornos mais nítidos quando Eduardo se aproxima do fim da adolescência e início da fase adulta. É nesta etapa de sua trajetória que pela primeira vez surge o bordão “puxar angústia”, compartilhado com Hugo e Mauro, cujo sentido era o de “abordar um tema habitual, como o sentimento trágico da vida, a procura do tempo perdido, ser ou não ser” (SABINO, 2005, p. 59)<sup>4</sup>. No entanto, assim como se deu na cena anteriormente destacada, a interpretação que aqui se constrói é a de que a angústia, vivida por eles, é diferente daquela concebida por Søren Kierkegaard. Isto porque Hugo a alia ao “efêmero da existência”; Mauro, à “inexorabilidade do fortuito na vida de cada um”; e Eduardo, ao “tempo em face da eternidade”, isto é, à inevitabilidade da morte, ao fato de que “caminhamos para morrer”, de que “nascemos para morrer” (SABINO, 2005, p. 59-60).

Nada mais a fazer – a cidade dormia e a noite avançava. Cansados, deixaram-se ficar num dos bancos da praça

– Chegou a hora de puxar angústia.

[...]

– Você já pensou que daqui a cem anos estaremos mortos?

– O que são cem anos, diante da eternidade? (SABINO, 2005, p. 60)

Quer dizer, para os jovens a angústia não consiste na vertigem da liberdade, da indecisão frente às inúmeras possibilidades e na necessidade de escolher um rumo para si sem garantia alguma de sucesso (ou insucesso). O que lhes aflige é a aparente gratuidade da existência humana, fenômeno sem sentido definido em si mesmo, efêmero, fortuito, sendo a única certeza sobre ele a de que inevitavelmente chegará a um fim, mais dia ou menos dia.

Tema habitual de Eduardo: o tempo em face da eternidade. Caminhamos para a morte. O futuro se converte, a cada instante, em passado. O presente não existe. Vivemos a morte desde o nascimento.

– Nascemos para morrer.

E ficavam calados, solenizados, *angustiados* enfim, diante da gravidade do que Eduardo sentenciara. (SABINO, 2005, p. 60; grifo nosso)

À luz das ideias de Søren Kierkegaard, Eduardo parece vivenciar mais o desespero do que propriamente a angústia, consequência de um desequilíbrio

---

<sup>4</sup> “el sentimiento trágico de la vida, le recherche du temps perdu, to be or not to be”.

entre as instâncias (corpo e alma) que compõem a estrutura triádica de seu ser. A oposição entre tempo e eternidade lhe dói justamente por (ainda) não reconhecer e valorizar a porção eterna de seu eu. Eduardo está restrito à materialidade, à esfera terrena, física, transitória, corporal. Está, portanto, distante de um Poder criador e absoluto. Seu mal-estar se deve ao fato de acreditar que a vida se resume ao tempo do corpo, isto é, que, após a morte biológica, tudo estará acabado e tudo terá sido em vão.

Insiste-se: Eduardo ainda não reconhece sua porção espiritual, daí seu desequilíbrio. Segundo a interpretação que se faz, é possível afirmar que não se trata propriamente da angústia como entendida pelo pensador dinamarquês. Eis por que se adiantou que, em relação a este tema em especial, há mais distanciamentos que paralelos entre *O encontro marcado* e o pensamento de Søren Kierkegaard. Este ponto não poderia ser deixado de lado, já que o livro “se caracteriza, antes de mais nada, pela atmosfera, pela ambiência, mais que isso, pelo *clima de angústia*, tormento, tensão, que envolve Eduardo e o acompanha aonde quer que vá” (CACCESE, 1966, p. 158; grifo nosso).

Quer dizer, no romance o fenômeno da angústia apresenta contornos próprios que o diferenciam da maneira como Søren Kierkegaard o concebia. Esta impressão se fortalece se forem considerados os momentos seguintes ao do falecimento de seu pai, seu Marciano, cuja postura frente à vida sempre serviu de modelo ao protagonista. Não à toa, sua morte afeta e muito Eduardo, tendo sido pressentida em uma noite gélida em seu apartamento no Rio de Janeiro, em conversa com o amigo Têrsio.

– Eu queria ser um homem simples, direito... Um homem como meu pai. Mas o que é aquilo?

Recuou assombrado: um vento mais forte entrava pela janela. Deixou-se ficar, olhos parados, sentindo-se tomado de um estupor inexplicável:

– Como meu pai – repetiu ainda, para si mesmo, sem desviar os olhos da janela. (SABINO, 2005, p. 170)

O personagem volta a Belo Horizonte para cuidar do velório, enterro e do inventário de seu Marciano. Os problemas no relacionamento com Antonieta já estão presentes neste momento. Tamanho o distanciamento entre ambos que “Eduardo não quer a presença da esposa e ela também não quer fazer-se presente” no velório (REIS, 2012, p. 29). O protagonista passa uns dias em sua cidade natal e vê ali o naufrágio, perdição e ruína de Mauro. O amigo vivia nos bares, sempre embriagado, mal conseguindo terminar a faculdade de medicina e ressentido pelo fato de não ter conseguido lançar candidatura como deputado em representação à classe estudantil. Vê também a amargura de Toledo – amigo

de seu Marciano com quem travara os primeiros diálogos sobre o ofício de escritor, quando ainda adolescente –, que abandonara a literatura e reclamava da vida que então levava.

Enfim, todos ao redor de Eduardo – tanto os amigos de Belo Horizonte quanto os do Rio – falham em seus propósitos, inclusive ele próprio. Como bem pontua Maria Glória dos Reis, “nosso herói lutou tanto para transformar o mundo e acabou sendo o reflexo do que ele mesmo abominava. Não passava de um intelectual de bar” (2012, p. 95). O próprio narrador relata que

sua vida [de Eduardo] não estava certa. Estes amigos com quem você anda não servem – a mãe dissera. E assim eram todos – escritores sem livros, poetas sem versos, pintores sem quadros, arraia miúda da arte que vicejava ao seu lado, tirando-lhe o que lhe restava de melhor – entusiasmo, idealismo, mocidade. A que ponto chegara: em Belo Horizonte lastimara Hugo e Mauro, agora percebia que também ele não escapava, eram os três que naufragavam lentamente. Mas ainda haveria de se salvar. Como? (SABINO, 2005, p. 176)

Ao invés de voltar ao Rio de Janeiro após o velório e enterro de seu pai, o personagem resolve passar uns dias em Ouro Preto. E é no hotel em que se hospeda que sofre uma crise aguda de esgotamento emocional.

Apoiou-se à parede – seu corpo tremia, o coração disparava e todo ele parecia tocar o mais fundo da angústia. Sim, *aquilo* era angústia. Num grande esforço tentou ainda ordenar os pensamentos, entender as coisas ao redor – não entendia mais nada.

– Estou perdido – murmurou, deixando-se cair na cama.

Sentia-se inseguro como no instante de se atirar na piscina em dia de competição. Mas isto não era nada: era um estado permanente de angústia, crônico, suportável – era a fragilidade do ser diante da brutalidade e da crueza da vida, mas era ainda a vida, o existir e se saber presente. A evasão da realidade, o vórtice negro em que se sentira cair ali na janela, como num poço, é que era a angústia, o desespero, a negação de si mesmo – o não-ser, o vazio, o nada. (SABINO, 2005, p. 177; grifo do autor)

No trecho em questão, angústia e desespero são equiparados pelo narrador. Quer dizer, não há a nítida distinção entre ambos como estabelecida pelo pensador dinamarquês, apesar de as duas noções serem correlatas. Eduardo é acometido por uma forte insegurança, sim, mas não causada pelas possibilidades de escolha disponíveis. Trata-se mais de uma fraqueza, de uma impotência frente à realidade e à efemeridade das coisas, de um vazio derivado

da incapacidade de atribuir sentido à própria existência, em suma, da “fragilidade do ser diante da brutalidade e crueza da vida” (SABINO, 2005, p. 177).

Como adiantado ao final da etapa anterior, Eduardo não sofre pela necessidade de escolher um rumo para si. Isto porque se considera um “escolhido”, alguém cuja vocação fora sacramentada: a de ser um escritor, de representar sua geração por meio da literatura. Porém, “passou sua vida fazendo escolhas erradas que iam contra os objetivos que traçou para si” (REIS, 2012, p. 51). Inevitável e retumbantemente, o protagonista falha nesta que acreditava ser a missão de sua vida. Isto se deve ao fato de apresentar

um traço de arrogância daqueles que se consideram conhecedores sobretudo ao seu redor; este traço fará com que qualquer novo aprendizado seja-lhe desinteressante, pois o personagem já acredita-se pronto e acabado. Esta contradição entre o que pensa de si mesmo e o que realmente é faz Eduardo produzir uma literatura medíocre, vazia de significado – pois, na maioria dos casos, ele simplesmente não é capaz de terminar os projetos começados. (REIS, 2012, p. 40)

Não à toa, o próprio narrador relata que Eduardo “sentia vagamente que se tornara instrumento de desígnios outros, poderosos, desconhecidos – já não era dono de si mesmo. Você não soube escolher – lhe dissera Toledo: foi escolhido. Escolhido por quem? Para quê? Desígnios de Deus?” (SABINO, 2005, p. 143). No artigo “Os caminhos existenciais em *O encontro marcado*”, Marcelo Antunes Neves corrobora esta interpretação. Segundo Neves,

a escolha é um ato existencial, através dele o indivíduo constrói seu próprio destino. Por outro lado, o momento da escolha é também um momento de dúvida, de inquietação, de desamparo; contudo, é seu dever escolher: só assim poderá dizer que estará realmente existindo, que ele [Eduardo Marciano] é, que possui uma identidade. Esta é sua aporia: Eduardo Marciano é aquele que não escolheu: foi escolhido. Esta sua incapacidade de escolher e de mudar o próprio destino (por falta de força? cegueira? medo? orgulho?), esta situação de ser o escolhido e não aquele que escolhe levará Eduardo a um caminho estranho, um caminho não previsto. Um caminho, enfim, que o conduzirá ao sofrimento e à perda de suas próprias referências na vida. (NEVES, 2011, p. 146)

Eduardo sofre, isso sim, por sua ganância de viver, por sua pressa em cumprir etapas existenciais, já que ainda não enxerga sua dimensão espiritual e, portanto, atemporal, eterna. Esta avidez é consequência direta de sua aflição

diante da finitude da existência. É como se quisesse realizar tudo o que almeja para si o quanto antes por não saber quando seu fim irá chegar, como se estivesse na iminência da morte. Como bem pontuou Maria Glória dos Reis, “Eduardo tem muita pressa de viver; por isso, não percebe o que, realmente, está acontecendo em sua vida” (2012, p. 28).

– Estou com taquicardia, doutor. Alguma lesão, talvez. Um estado permanente de expectativa, como à espera de um desastre, como se fosse morrer a qualquer momento.

– Você não tem nada no coração. Isso é angústia, e da boa. Deve procurar um psiquiatra. (SABINO, 2005, p. 178)

Vale dizer que o protagonista não deixa de ter consciência deste problema. Fora até alertado por seu pai: “você vive muito depressa – o pai tinha razão, era isso, depressa demais. Essa ganância de viver” (SABINO, 2005, p. 143). Infelizmente, não consegue resolvê-lo, não é capaz de diminuir o ritmo, de desacelerar. É o próprio narrador quem informa que Eduardo precisava se convencer de que

era preciso ir devagar – saber envelhecer. O fruto que apanhava ainda verde, deixava apodrecer na mão. Casado. A vida o afastava de sua origem, de seus amigos. Já nem sempre estaria presente na lembrança deles, o tempo o empurrava com força demais e isso era terrível. Mal podia sentir o gosto das novas experiências, já não eram novas, ficavam logo para trás, o passado, ele que não tinha presente, não tinha nada, não fizera nada – por que não podia parar um pouco, descansar, não dar mais um passo? Queria adquirir seus hábitos também, certa maneira de ser, ele que era moço [...]. O tempo levava tudo, ele não tinha onde se ancorar. (SABINO, 2005, p. 143)

Uma outra menção significativa à angústia se dá quando o narrador relata a espera de Eduardo por Gerlane, sua amante, em um bar de Copacabana. No entanto, novamente a angústia em questão não tem os contornos e o sentido daquela concebida por Søren Kierkegaard. Isto porque, no trecho em questão, Eduardo não está diante de um medo sem objeto, da indecisão frente a uma infinidade de caminhos a seguir na vida. Trata-se mais do desespero, fruto de sua incapacidade de se conectar verdadeiramente a um Poder superior, à dimensão eterna e absoluta, isto é, a Deus. Há que se lembrar que sua ligação com a esfera religiosa, até aqui, é frouxa, esporádica e de contornos nebulosos.

Pronto, estou sozinho – correu os olhos em torno. Os dois casais haviam saído sem que ele percebesse, o garçom voltara a inexistir atrás do balcão, devia ser mais de uma hora. Sozinho. Como sempre desejou viver! Podia se estender de comprido e dormir. Podia chorar, podia tomar veneno, morrer. Sozinho – sozinho no mundo, isolado, incomunicável, fora do tempo, abandonado, perdido... Mudou com esforço a ordem dos pensamentos, tentou reanimar-se dentro de sua embriaguez: angustiado diante da angústia, o poço negro em cujo vórtice fora apanhado uma vez, em Ouro Preto. (SABINO, 2005, p. 196)

Anos depois do falecimento de seu pai, Eduardo visita Belo Horizonte novamente. Logo nota que a cidade natal perdera os contornos provincianos, vindo a assumir agora uma paisagem e dinâmica mais metropolitanas. Não à toa, o protagonista inevitavelmente acaba tomando consciência de uma forte ruptura com seu lugar de origem. Já se via perdido no Rio de Janeiro, imerso em um casamento instável e em rodas de amigos esparsos, fugidios, de ocasião, com quem não travava laços afetivos concretos e significativos como os que tinha com Hugo e Mauro, quando de sua adolescência na capital mineira. Sem contar a desestruturação que sentia pelo “emprego de funcionalismo público, pela boemia, pela separação, pela solidão e pela frustração de não ter sido escritor”, como acrescenta Dayse Aparecida do Amaral Santos (2016, p. 32).

Quer dizer, “fica evidente a importância do lugar físico na identificação pessoal para Eduardo, sendo que a presença do lugar na memória e nas lembranças vai moldando sua identidade” (BUCHWEITZ; REQUIÃO, 2016, p. 156). Mesmo que aparentemente não seja este o caso, remeter à questão da influência dos espaços geográficos na vida de Eduardo Marciano, ainda que de maneira breve, é pertinente ao tema da angústia do personagem. Isto porque “este processo do modo como as cidades foram sendo edificadas, e de como cada uma vai perdendo espaço e poder significa também o processo de angústia e perda em que vivem os personagens de *O encontro marcado*” (SANTOS, 2016, p. 107-8).

Os efeitos deste processo radical de transformação, sofrido por Belo Horizonte, ficam evidentes quando da última visita de Eduardo. A antiga praça, em que se reunia com os amigos para “puxar angústia”, fora totalmente reformulada pelo novo prefeito. O protagonista sente que nada mais o religa a Belo Horizonte. Tanto que, após revisitar a mãe, Mauro, Hugo, Toledo, o túmulo de seu Marciano e o clube em que treinara natação, sai “da cidade como de um cemitério” (2005, p. 242). A angústia é aqui novamente trazida à tona e, assim como em outras vezes em que surge no romance, tem um sentido diferente daquele concebido por Søren Kierkegaard. A de Eduardo Marciano tem contornos de aflição, cansaço, perdição, arrependimento, e não exatamente de um medo sem objeto, de uma imobilidade aflitiva diante das inúmeras

possibilidades de caminhos a seguir, de uma vertigem derivada do exercício da liberdade.

Os bancos agora eram de mármore, como túmulos. Nada mais o ligava àquele lugar.

– Chegou a hora de puxar angústia.

Chegou a hora. Mocidade velha, cansada, desnorteada, exaurida, quando chegaria enfim a tua hora? Quantos séculos de angústia coletiva te fizeram? Quantas horas de aflição foram vividas, quantos corações se extenuaram no amor e na esperança para te entregarem desamparada ao mundo novo? e que será de ti neste mundo? que será do mundo? Perguntas sem resposta e sem sentido que ele largava na praça avermelhada pelo crepúsculo. (SABINO, 2005, p. 237)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se procurou demonstrar, Eduardo Marciano vivencia, sim, a angústia, mas não exatamente por se ver diante de infinitas possibilidades, por se julgar consciente de sua capacidade e necessidade de escolher. Não sofre por ser livre. Sofre, isto sim, por não ver um sentido para sua existência, por se mostrar incapaz de lidar com a irrefreável marcha do tempo e a conseqüente finitude de si mesmo, por não conseguir cumprir o projeto de vida por ele mesmo traçado.

Perspectivando sua trajetória tendo como pano de fundo a já mencionada concepção de Kierkegaard da natureza triádica do ser humano, chega-se à conclusão de que Eduardo sofre por não conseguir costurar uma síntese entre corpo e alma. Isto se deve justamente ao fato de o protagonista não reconhecer e valorizar devidamente sua porção espiritual, atemporal e eterna. Quer dizer, o personagem se diz um “escolhido”, um indivíduo com uma vocação definida, isto é, a de ser um renomado escritor, arquiteto do testemunho de uma geração. Seu problema, pois, não é exatamente a insegurança frente à inadiável necessidade de escolher: é, isso sim, o de cumprir com o “chamado”, com o caminho que lhe fora “imposto”.

Tomou-se o romance *O encontro marcado* como objeto pelo fato de este ser convidativo a análises amparadas em outras áreas do conhecimento e, também, pela admiração declarada de Fernando Sabino por Søren Kierkegaard. Acredita-se que o acesso à filosofia é válido no sentido de ampliar e muito as possibilidades de abordagens da ficção nacional. Este artigo visa, enfim, a consistir em uma contribuição aos estudos interdisciplinares da literatura brasileira.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. M. de; VALLS, A. L. M. *Kierkegaard*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BUCHWEITZ, M; REQUIÃO, R. O Brasil na literatura: as influências de duas cidades brasileiras na formação do personagem Eduardo em *O encontro marcado*, de Fernando Sabino. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2016, p. 155-76.

CACCESE, N. P. Aspectos estruturais em *O encontro marcado*. *Alfa – Revista de Linguística*, Araraquara, v. 10, 1966, p. 149-61.

DANTAS, M. A. Subjetividade moderna: tragicidade e angústia segundo Kierkegaard e Freud. *O Portal dos Psicólogos*. Publicado em 18/07/2007. Disponível em: [http://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0353](http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0353). Acesso em: 5 set. 2018.

FARAGO, F. *Compreender Kierkegaard*. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

GADAMER, H. G. *Verdade e método*. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1998.

GADAMER, H. G. *Verdade e método II*. Complementos e índice. Petrópolis: Vozes, 2002.

GARAVENTA, R. Søren Kierkegaard: uma fenomenologia da angústia. *Sacrilegens – Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, 2011, p. 5-19.

GILES, T. R. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: Edusp, 1975.

ISER, W. *The act of reading*. A theory of aesthetic response. Baltimore e Londres: John Hopkins University Press, 1978.

JATOBÁ, E. C. A existência não é uma trivialidade: a realização subjetiva do eu em Kierkegaard. *Contemplação: Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II*, Marília, n. 3, 2011, p. 16-32.

KIERKEGAARD, S. *O conceito de angústia*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 1968.

LE BLANC, C. *Kierkegaard*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SILVA, Gustavo Rocha Ferreira e. A angústia no romance *O encontro marcado*, de Fernando Sabino: uma leitura interdisciplinar à luz das ideias de Søren Kierkegaard. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 243-263.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 09 set. 2020.

LOPES, M. I.; PIRES, D. C.; SILVA, E. M. da. A angústia como propiciadora de um eu autêntico na ótica reflexiva de Søren Aabye Kierkegaard. *Revista De Magistro de Filosofia*, Anápolis, v. V, n. 9, 2012, p. 1-16.

NEVES, M. A. Os caminhos existenciais em *O encontro marcado*. *Fólio*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, 2011, p. 129-51.

OLIVIÉRI, M. de F. *Angústia existencial. O papel fundamental do conceito de angústia no processo de construção da subjetividade humana sob a ótica reflexiva de Søren Aabye Kierkegaard*. 2008. 126 f. Dissertação (requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Filosofia) – Curso de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

REIS, M. G. dos. *A construção da identidade no romance de formação O encontro marcado, de Fernando Sabino*. 2012. 96 f. Dissertação (requisito para conclusão do Curso de Mestrado em Letras, área de concentração Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

ROOS, J. *Tornar-se cristão: o paradoxo absoluto e a existência sob juízo e graça em Søren Kierkegaard*. 2007. 247 f. Tese (obtenção do grau de Doutor em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007.

SABINO, F. *O encontro marcado*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTOS, D. A. do A. *O encontro marcado: a escrita e a memória em Fernando Sabino*. 2016. 136 f. Dissertação (mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC Minas, Belo Horizonte, 2016.

SILVA, M. Ê. de A. *Liberdade e não-liberdade em O conceito de angústia, de Søren Kierkegaard*. 2008. 116 f. Dissertação (mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

SOUZA, A. G. de. *Angústia existencial: condição irrevogável do Ser? Notas sobre a angústia em Kierkegaard, Viktor Frankl, Comte-Sponville*. 2011. 33 f. Monografia (trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência para obtenção do título de Licenciatura/Bacharelado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

SILVA, Gustavo Rocha Ferreira e. A angústia no romance *O encontro marcado*, de Fernando Sabino: uma leitura interdisciplinar à luz das ideias de Søren Kierkegaard. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 243-263.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 09 set. 2020.

GUSTAVO ROCHA FERREIRA E SILVA é graduado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente está cursando seu doutorado, também em Literatura Brasileira e por esta mesma instituição. Entre suas principais publicações, estão os artigos "Hibridismo de gêneros em João do Rio: análise da interseção entre literatura e jornalismo em *A alma encantadora das ruas*" (*Vocábulo*, 2018) e "Viver é vibrar: estética e cosmologia de Raul Pompeia em *Canções sem metro*" (*Garrafa*, 2020).